
CALAME, Claude. *Masques d'autorité: fiction et pragmatique dans la poétique grecque antique*. Paris: Les Belles Lettres, 2005. 340 p. ISBN: 978-2-251-42027-1.

No prefácio do hoje clássico *The Greeks and the Irrational*, publicado em 1951,¹ E. R. Dodds propunha que os estudiosos da Antigüidade grega se valessem sem pejo – embora de maneira cautelosa, é verdade – dos mais avançados conceitos da antropologia e da psicologia no estudo do seu objeto. De alguma psicologia e certa antropologia, sugeria ele, o helenista não pode escapar; por que, então, continuar trabalhando com conceitos obsoletos, e fechar os olhos para o inegável avanço dessas ciências? Como tais – lembremo-nos de Popper –, as ciências são perfectíveis, provisórias. Mais valeria, pois, o erro presente (e futuro) que uma teimosa persistência no passado.

É precisamente a essa família de estudiosos da Grécia antiga, que não teme aplicar os avanços das mais diversas áreas das ciências humanas ao seu objeto de estudo, que se filia Claude Calame. No seu caso, porém, é a análise do discurso (e não, como no de

Dodds, a psicologia) que se une à antropologia e forma, com ela, uma inusitada ferramenta analítica. Seu intuito, como ele mesmo confessa em entrevista recente, é pensar a poesia grega a partir do cruzamento entre *une anthropologie sensible autant à l'épaisseur symbolique qu'aux fonctions sociales des manifestations de culture et une sémantique linguistique que les formes poétiques contraignent à dépasser l'unité de la phrase*.² Por seu caráter inovador, o intuito é ousado e mesmo arriscado, uma vez que a filologia clássica costuma ver com reserva e desconfiança as inovações metodológicas introduzidas no seu campo de pesquisa

O livro ora recenseado é um bom exemplo do método do autor. Resultado da re-elaboração “completa” de uma série de capítulos de livros e artigos publicados nos mais diversos periódicos internacionais, este livro pretende ser uma espécie de história (confessadamente incompleta) da poesia grega, centrada no problema da autoridade discursiva. Quem é a voz que fala nos poemas gregos de Homero a Teócrito, a quem fala, e investida de qual autoridade? Tais são as principais perguntas que Claude Calame, em estudos quase sempre monográficos, – tratando de um só poema ou trecho de um autor só – procura formular e responder.

¹ Dodds, E. R. *The Greeks and the Irrational*. Berkeley: University of California Press, 1951.

² <http://www.vox-poetica.org/entretiens/intCalame2007.html>

Partindo da distinção do lingüista alemão Karl Bühler entre *demonstratio ad oculos* e *Deixis am Phantasma* – ou, em outras palavras, entre referência, respectivamente, extra e intra-discursiva –, Calame procura mapear, nos poemas que estuda, quais os traços discursivos de uma realidade sócio-histórico-cultural exterior a esses mesmos poemas, e quais os que remetem a um mundo puramente ficcional, fabricado – literalmente *poético*, em suma. Seguindo, pois, as indicações extra-discursivas que os próprios poemas lhe oferecem, o autor procura identificar o que chama de “efeitos pragmáticos” do discurso em questão, ou seja, em que identidade biográfica, em que práticas rituais, em que costumes, em que instituições assenta a autoridade do locutor-narrador deste discurso. Concomitantemente, e agora no encaixe das indicações intra-discursivas, o investigador procura então estabelecer certa hierarquia entre os diversos elementos sintático-semânticos do poema, a fim de reconstruir, por meio de rigorosa leitura, o seu espaço ficcional, a sua “geografia fantástica”. Este método, pois, pretende realizar como que “a quadratura do círculo” dos estudos literários: exclusivamente a partir do poema em questão, dos dados que ele próprio lhe oferece, o helenista pretende unir, numa mesma leitura, um aporte sociológico e um formalista – ou, mais exatamente, um aporte antropológico e um lingüístico-semiológico –,

e descobrir na própria configuração sintático-semântica do poema a configuração cultural que lhe serviu de base.

Vejamos, pois, um caso concreto da aplicação deste método: o décimo e último capítulo do livro – que como tal é o próprio epílogo deste trabalho –, intitulado “Une civilisation de poète: espaces liminaux et voix discursives dans l’*Idylle I* de Théocrite”. Já logo no primeiro parágrafo, Calame nos apresenta o seu programa: *ouvrir à nouveau l’oeuvre de littérature vers un extérieur, mais à partir des indices qu’elle-même en présente* (p. 299-300). Portanto, a própria organização sintático-semântica do poema, como dissemos, deve fixar as pistas que hão de conduzir o investigador às circunstâncias externas de sua possibilidade e efetiva composição. Todavia, é precisamente no que toca às relações entre certa “camada semiótica” do primeiro idílio de Teócrito e as “circunstâncias históricas” de sua produção que o método de Calame parece falhar, pois não consegue estabelecer uma conexão entre os elementos internos e externos do poema, ficando aquém do objetivo fixado pelo próprio helenista.

Sua análise começa por identificar no idílio seis diferentes “vozes”. Além de inverter, nesta catalogação, a ordem em que elas ocorrem no poema, e de traçar paralelismos que parecem privilegiar o aspecto semântico dos trechos (sem levar em conta, muitas ve-

zes, o léxico, a sintaxe e o estilo), Calame acaba por re-elaborar, aqui, a já clássica leitura do erudito norte-americano Charles Segall,³ torcendo-a com uma terminologia semiótica e com uma orientação politicamente correta. Como quer que seja, importa notar, sobretudo, que Calame não chega a fazer uma análise da configuração sócio-cultural que propiciou a composição desta e de outras obras-primas da poesia helenística. “Limitação” esta que, em maior ou menor grau, parece comum a todos os estudos reunidos neste livro.

No que respeita a um ponto de vista exclusivamente intra-discursivo, o pouco interesse de Calame pelos aspectos lexicais, sintáticos e estilísticos deste poema transforma suas analogias semânticas – baseadas, ao que tudo indica, nas que a estudiosa Kathryn Gutzwiller, também norte-americana, traçou em obra já também famosa⁴ – em comparações algo livres demais, em ilações não muito seguras. O método do autor, a que por vezes chama “perspectiva enunciativa”, veria justificada sua pertinência se, a despeito de não ter conseguido seguir até o fim as referên-

cias extra-discursivas do poema, ao menos fundamentasse a hierarquia intra-discursiva dos seus elementos semânticos no solo firme da comparação de vocábulos, sentenças e versos entre si. Mas não. Em vez disso, o autor preferiu fundamentar esta hierarquia no próprio método que desenvolveu, assumindo que sua verdade ou pertinência intrínseca justificasse, não só esta, mas qualquer hierarquia. Dito de outro modo, Calame, em vez de procurar demonstrar a oportunidade de suas análises mediante comparações e analogias bem documentadas, parece partir do pressuposto da oportunidade do seu método para justificar análises que não documenta bem.

Finalmente, importa ressaltar a originalidade e o entusiasmo com que o autor formula o seu método, apresenta suas hipóteses e defende os seus resultados. Pois toda e qualquer pesquisa, inclusive no domínio da filologia clássica, parece alimentar-se, em última análise, da verve do pesquisador.

ÉRICO NOGUEIRA*

Faculdade de Filosofia, Letras e
Ciências Humanas
Universidade de São Paulo

³ Segall, C. *Poetry and Myth in Ancient Pastoral: Essays on Theocritus and Virgil*. Princeton: Princeton University Press, 1981.

⁴ Gutzwiller, K. J. *Theocritus' Pastoral Analogies: The Formation of a Genre*. Madison:

NOTA

* Mestre pelo PPG Letras Clássicas da FFLCH/USP e doutorando do mesmo programa